

Empresa implementa novo plano estratégico

A EMPRESA emitiu recentemente um comunicado de imprensa que nalguns círculos de opinião foi interpretado como um reconhecimento público dos gestores de que a instituição estaria a enfrentar problemas na produção de energia eléctrica e no arranque da implementação do seu novo plano estratégico, que cobre o período entre 2016 e 2022.

de armazenamento de água na albufeira e maximizar a produção de energia.

“Assim, em 2017, essas medidas incluíram um ajustamento nos níveis de operação da produção, como resultado, a empresa conseguiu produzir mais do que o previsto. Isso é importante sublinhar. Em 2018, face às previsões meteorológicas, não estão previs-

desafios e permitam alcançar os objectivos pretendidos.

De acordo com o presidente do Conselho de Administração da HCB, a exposição da empresa à conjuntura de situações extremas, positivas e adversas, permitiu aos gestores avaliar com clareza os desafios e os riscos de negócio.

“Temos estado, desde finais de 2016, de forma participativa

Como uma sociedade comercial que tem de reforçar o seu balanço, cumprir com as obrigações fiscais e distribuir dividendos aos accionistas, acreditamos que elaboramos um plano robusto que nos permite arrancar e ir ajustando ao longo do percurso de forma a maximizar a rentabilidade e a sustentabilidade a longo-prazo”, explicou.

Segundo Pedro Couto, o plano estratégico é uma ferramenta que deve ser ajustada em função da realidade do momento, sem perder o foco no objectivo de médio e longo prazo.

“Por exemplo, temos de mitigar o risco de concentração do negócio e do risco hidrológico. No plano, identificámos estratégias e iniciativas concretas para mitigação destes riscos. Assim, é imperioso a HCB expandir e diversificar o portfólio de negócios e mercados e para responder a este desígnio foram mobilizados especialistas externos de craveira internacional, que, em conjunto com quadros nacionais e da empresa, trabalham nestas matérias”, disse.

Para o presidente do Conselho de Administração da instituição, importa realçar que esta vertente é parte fundamental da nova missão da empresa e que se consubstancia em explorar com excelência o empreendimento de Cahora Bassa e contribuir para a expansão do aproveitamento do potencial energético do país, de modo sustentável e socialmente responsável.

Questionado se estaria a fazer uma enumeração de princípios, Pedro Couto afirmou que estes fazem parte da estratégia, evidenciando que as acções e as actividades associadas podem mudar, mas os princípios devem permanecer, pois são os pilares orientadores.

“Por exemplo, a rentabilidade para uma sociedade comercial é um princípio fundamental. Violando este princípio, naturalmente teria de se alterar a natureza da sociedade. As medidas que se tomam são no sentido de materializar os princípios”, salientou.



Queremos assegurar que a HCB seja uma empresa que se reproduza a si mesma e se expanda e beneficie também as gerações futuras

A este respeito, Pedro Couto explicou estar a haver um equívoco na interpretação do documento emitido pela empresa.

“De facto, a HCB, em 2017, teve uma produção que excedeu ao planeado em cerca de 6 por cento. Isso se deveu a uma gestão criteriosa da albufeira e da central. Tal como temos vindo a informar, a bacia do Zambeze, com várias barragens, relativamente às quais nos situamos a jusante, nos últimos 2-3 anos tem estado sob o efeito de uma seca severa, um evento extremo com um período de retorno de 25 anos”, disse.

Segundo ele, em consequência, em finais de 2016, o armazenamento de água na albufeira caiu para o nível mais baixo de sempre, levando a que medidas especiais de gestão tivessem de ser introduzidas para balancearem a necessidade de recuperar o nível

tos agravamentos nas medidas referidas, portanto não se antevê deterioração da situação. Está-se sob controlo”, afirmou.

Acrescentou que para se ter uma ideia da severidade da seca na região, vale a pena recordar, como exemplo, que as cidades de Maputo, em Moçambique, e a Cidade de Cabo, na África do Sul, estão com restrições severas no abastecimento de água potável porque as principais barragens que alimentam estas cidades estão com níveis historicamente baixos, pelo que este não é um problema que só afecta a barragem de Cahora Bassa.

Em relação ao início da implementação do plano estratégico da empresa para os próximos 5 anos, Pedro Couto explicou que o importante é que o mesmo se baseie fielmente no contexto em que a organização se encontra e que os seus eixos respondam aos

a envolver os colaboradores da empresa a fazer uma reflexão estratégica e a elaborar o plano estratégico para os próximos cinco anos. Pode parecer um contra-senso, mas as dificuldades que a empresa está a enfrentar criaram condições para constatar com realismo os desafios a vencer. Portanto, estamos claros sobre o caminho a seguir e das prioridades das nossas acções”, afirmou.

DIAGNÓSTICO FAVORÁVEL

O presidente do Conselho de Administração da HCB entende que os gestores da empresa efectuaram uma análise aprofundada de diagnóstico do plano estratégico, pelo que, neste momento, se sente confiante para passar à acção.

“Isto não pode ser feito de forma descoordenada e reactiva.